
Quando a rua se tornou casa: compreendendo as vivências de pessoas em situação de rua

When the street became home: understanding the experience of homeless

Evelyn Suyane Silva de Albuquerque

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3806-2688>

Centro Universitário Barão de Mauá, Brasil

E-mail: albuquerquevelyn@icloud.com

Rafaela da Silva Mondine

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2738-5720>

Centro Universitário Barão de Mauá, Brasil

E-mail: rafamondine1@gmail.com

Vinicius Dias da Cruz

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-9904-5504>

Centro Universitário Barão de Mauá, Brasil

E-mail: viniciusdias44@gmail.com

Mayara Colleti

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-0522-7431>

Centro Universitário Barão de Mauá, Brasil

E-mail: mayara.colleti@baraodemaua.br

Fabio Scorsolini-Comin

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6281-3371>

Universidade de São Paulo, Brasil

E-mail: fabio.scorsolini@usp.br

RESUMO

Este estudo teve como objetivo compreender as vivências de pessoas que encontram-se em situação de rua. Trata-se de um estudo qualitativo realizado com 12 pessoas em situação de rua em uma cidade do interior do estado de São Paulo. A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de entrevista semiestruturada e formulário de dados sociodemográficos em uma instituição do município que atende pessoas em situação de rua. Por meio da análise temática, quatro eixos foram produzidos: (a) Aspectos atribuídos à situação de rua; (b) O cotidiano da vivência de rua; (c) Rede de apoio e relações familiares e comunitárias; (d) Acesso aos serviços da rede municipal. Os resultados permitiram desvelar as faltas estruturais presentes nas histórias de vida dos participantes. Os fatores que contribuíram para a atual situação de rua foram relações afetivas fragilizadas, descaso e estigmas para busca de suporte em redes de serviço. Esses resultados podem contribuir para a compreensão de um cenário complexo e multifatorial que compõe um dos desafios para a atuação psicossocial junto a esse público.

Palavras-chave: Vulnerabilidade social; Pessoas em situação de rua; População em situação de rua.

ABSTRACT

This study aimed to understand the experiences of individuals who find themselves in a situation of homelessness. It is a qualitative study conducted with 12 people experiencing homelessness in a city in the interior of the state of São Paulo. Data collection was carried out through the application of a semi-structured interview and a sociodemographic data form at an institution in the municipality that serves individuals experiencing homelessness. Through thematic analysis, four main themes were identified: (a) Aspects attributed to homelessness; (b) The daily experience of homelessness; (c) Support network and family and community relationships; (d) Access to municipal services. The results revealed structural gaps in the life stories of the participants. Factors contributing to their current homelessness included weakened emotional relationships, neglect, and stigmas hindering support-seeking in service networks. These findings can contribute to understanding the complex and multifactorial scenario that poses one of the challenges for psychosocial intervention with this population.

Keywords: Social vulnerability; Individuals experiencing homelessness; Homeless population.

INTRODUÇÃO

A população em situação de rua (PSR) compõe um fenômeno social complexo relacionado a desigualdades historicamente construídas (ROCHA; OLIVEIRA, 2020). Trata-se de um grupo bastante heterogêneo perpassado por fatores estruturais, como ausência de moradia, inexistência de trabalho e renda, além de fatores pessoais e relacionais, como ruptura de vínculos familiares e infortúnios pessoais (BRASIL, 2009). Essas pessoas são estigmatizadas por grande parcela da população, sendo reduzidas, em geral, a descrições carregadas de preconceito, como criminosas, violentas, usuárias de drogas, fracassadas e preguiçosas. O não-reconhecimento, somado à visão estigmatizada em relação à PSR, tem como consequência o desprezo social. Origina-se, então, algo que se categoriza como uma patologia social, que é o sentimento de invisibilidade. A invisibilidade social abre margem para a discriminação, situação de vulnerabilidade e para a exploração dessas pessoas, como se não tivessem uma história de vida, produzindo sentimentos negativos como vergonha, sentimento de fracasso pessoal, angústia, solidão e rebaixamento da autoestima (BRASIL, 2009).

Outra consequência do não-reconhecimento é a condição de vulnerabilidade com que eles convivem em seu cotidiano. Com demandas mais complexas e específicas, necessitam de serviços sociais mais direcionados e de serviços públicos que atendam às suas necessidades. Para que isso seja possível, é necessário que se tenha conhecimento sobre suas dificuldades, mas, por conta do estigma que paira sobre essas pessoas, há pouca

preocupação por parte do resto da população em relação a esses indivíduos, dificultando a implementação de políticas públicas que atendam às suas demandas e necessidades (VALLE; FARAH; CARNEIRO, 2020).

A falta de amparo público, somada ao preconceito, faz com que a população que vive nos espaços urbanos seja alvo de atitudes que vão da total indiferença até as práticas de violência física, que reforçam uma visão de naturalização e imutabilidade dessa condição social (BRASIL, 2009). A Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPSR), instituída pelo Decreto Presidencial no 7.053, de 23 de dezembro de 2009, trouxe diretrizes importantes para atender às necessidades específicas dessas pessoas, como trabalho, desenvolvimento urbano, assistência social, educação, segurança alimentar e nutricional, cultura e saúde (BRASIL, 2009). A garantia de acesso aos serviços públicos, incluindo, por exemplo, serviços de saúde, compõe uma de suas diretrizes.

Entretanto, ainda que com seus direitos resguardados, a PSR se encontra em estado de vulnerabilidade, estando sujeita a diversas violências e negligências por parte da sociedade e do Estado. Em dados apresentados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a população em situação de rua no Brasil supera 281,4 mil pessoas. Em uma década, de 2012 a 2022, o crescimento dessa população foi de 211%. Na comparação com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), trata-se de uma expansão muito superior à da população brasileira na última década, de apenas 11% entre 2011 e 2021 (BRASIL, 2022). A causa de as pessoas chegarem a essa situação é multifatorial, mas, com a pandemia de COVID-19, esse número aumentou de forma ainda mais expressiva. Apesar desse crescimento, a literatura chama a atenção para um processo de invisibilização dessas pessoas e para representações sociais históricas estigmatizantes e preconceituosas que provocam sentimento de vergonha, afastamento das relações familiares e sociais, sofrimento psíquico e acesso precário a serviços e políticas públicas (BRITO; SILVA, 2022).

Assim, há evidências da necessidade de um olhar de cuidado destinado à PSR com urgência, além do desenvolvimento de políticas públicas efetivas que consigam abranger toda população em seu estado de vulnerabilidade, dando aparato não somente aos danos físicos gerados pela perpetuação de um descaso histórico, mas, também, de um olhar de cuidado e reparo ao sofrimento emocional e psíquico decorrentes dessa marginalização. Diante desse panorama, é mister que a literatura científica possa contribuir, por exemplo,

permitindo o acesso a essas histórias de vida não apenas invisibilizadas, mas, também, inaudíveis. Assim, o objetivo deste estudo foi compreender as vivências de pessoas que se encontram em situação de rua.

MÉTODO

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo, de corte transversal, amparado na abordagem qualitativa de pesquisa. Amparado na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de origem do primeiro autor (CAAE nº 68812323.0.0000.5378 e parecer 6.105.081).

Os participantes da pesquisa foram recrutadas em uma Organização da Sociedade Civil localizada em uma cidade do interior do estado de São Paulo que atua há 10 anos no atendimento à população em situação de rua.

Foram selecionados para participar da pesquisa os voluntários maiores de 18 anos que se encontravam em situação de rua na data da coleta de dados e com condições cognitivas e físicas para responder os instrumentos. Foram excluídas pessoas sob efeito de uso de álcool e/ou substâncias psicoativas e pessoas com apresentação de alteração nas funções mentais. Frente a esses critérios, foram selecionados 12 participantes, sendo duas mulheres e dez homens, que responderam a um formulário de dados sociodemográficos para caracterização, além de um roteiro de entrevista semiestruturado elaborado pelos pesquisadores.

As entrevistas foram realizadas pela equipe de pesquisa na própria instituição, nos horários em que os participantes estavam esperando pelas refeições. Antes de iniciar a coleta de dados, foi explicado a cada participante, de forma detalhada, a natureza e os objetivos do estudo, solicitando que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A aplicação dos instrumentos foi audiogravada mediante o consentimento dos participantes e os registros foram transcritos na íntegra para posterior análise. Os registros audiogravados, juntamente com os dados sociodemográficos, formaram o *corpus* analítico.

As entrevistas foram submetidas à análise temática realizada por duplos juízes. Diante dos conteúdos produzidos, foram produzidos quatro eixos analíticos: (1) Aspectos atribuídos à situação de rua; (2) O cotidiano da vivência de rua; (3) Rede de apoio e

relações familiares e comunitárias; (4) Acesso aos serviços da rede municipal. A interpretação dos materiais obtidos foi pautada na literatura disponível sobre o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1, a seguir, sumariza os principais dados sociodemográficos dos participantes do estudo. Os nomes utilizados neste estudo são fictícios.

Tabela 1: Caracterização dos participantes.

Nome fictício	Idade	Sexo	Cor	Escolaridade	Tempo em Situação de Rua
Forrest	51 anos	Masculino	Negro	1º ano do Ensino Fundamental	Dois meses
Percy	30 anos	Masculino	Pardo	Até a 8ª Série	Dois meses
Grover	33 anos	Masculino	Pardo	Até a 7ª Série	Sete meses
Nico	35 anos	Masculino	Pardo	Até a 8ª Série	Um mês
Zeus	31 anos	Masculino	Negro	Até a 8ª Série	Seis meses
Tyson	35 anos	Masculino	Negro	Até a 6ª Série	Três anos
Eros	51 anos	Masculino	Negro	Até a 4ª Série	Nove meses
Anabeth	45 anos	Feminino	Parda	Ensino Fundamental Completo	Dois anos e meio
Artemis	36 anos	Feminino	Negra	Até a 6ª Série	Dois meses
Giacomo	36 anos	Masculino	Branco	Até a 8ª Série	Dois meses
Matteo	37 anos	Masculino	Pardo	Ensino Fundamental Completo	Vinte e três anos
Tony	40 anos	Masculino	Pardo	Até a 5ª Série	Sete meses

Fonte: Autores.

Aspectos atribuídos à situação de rua

Giacomo, que estava há dois meses em situação de rua no momento da entrevista, apontou o desemprego como uma das causas para estar nas ruas atualmente: “Fui mandado embora aqui da empresa, não tinha mais dinheiro para pagar a pensão onde eu morava e acabei tendo que vir pra rua.” Além dele, Tyson também trouxe o desemprego como um fator de permanência nas ruas.

A Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPSR) traz uma percepção da população em situação de rua que é um grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, mas também os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional (BRASIL, 2009). Essa problemática da perda da conexão familiar foi algo que também se mostrou como um importante preditor para a vida nas ruas. Nico, Anabeth e Tyson referiram questões familiares, como situações de conflito e separações:

Porque eu vim pra cá, porque eu sou separado, eu separei da minha ex-mulher lá, ela cria meu filho lá em Passos, aí eu vim pra cá, caçar serviço, tinha dinheiro, tava em um hotel ali, o dinheiro acabou, agora tô aí na rua. (Nico, 35 anos).

Eu estou brigando na justiça pra tentar refazer meus documentos, que meu filho queimou, pra poder ficar com um apartamento que é meu, de herança minha. E por isso que to morando na rua, tudo que é pra população pobre é difícil. Então, eu estava morando numa casa né, não estava na rua. (Anabeth, 45 anos).

Ah minha infância foi uma infância meia ruim, apanhava muito do meu pai, da minha mãe, quando comecei a mexer com droga, por isso que acabei morando na rua. [...] sempre apanhando, minha mãe me xingando, uma relação complicada. [...] Eu sempre considerei só sofrimento e tristeza na vida. (Tyson, 35 anos).

A falta de representação afetiva contribui para um percurso de vulnerabilidade, visto que afeta psicologicamente o desenvolvimento do indivíduo, colocando-o em posição de fragilidade frente às violências presentes no mundo. Tony, Percy, Tyson, Zeus e Forrest, inseridos em posições sociais de vulnerabilidade socioeconômica e de fragilização de vínculos, revelaram que buscaram na criminalidade e/ou no uso de drogas formas de lidar/transformar suas realidades. No entanto, elas acabaram contribuindo para a situação atual:

Entrei na “rua escura” muito cedo. No crime. Crime não né, na ilusão. [...] 12 anos. Fumei maconha, usei tinner. [...] Tinha irmãos. Tenho né.

Eles eram envolvidos. Um deles era bem falado, mas nunca deixaram eu chegar nem perto deles. Nunca cheguei nem perto. [...] No crack entrei mais tarde, com 19 anos. (Tony, 40 anos).

Porque eu entrei nas drogas. [...] Com 16 anos. [...] Droga, crime, Febem, depois passei pra cadeia e depois vim parar na rua. [...] Quando não tinha droga era bom (as relações), aí depois das drogas ficou ruim. [...] faz pouco tempo que eu saí da droga. [...] Quis ficar longe da cidade, de todo mundo. Lá ninguém dá atenção né, não confia, tá na droga. Agora longe de lá nois tá sem usar droga, então nois tá bem né. (Percy, 30 anos).

Quando comecei a se envolver com droga, fazer coisa errada da vida, com 18 anos de idade fui preso, passei 10 anos na cadeia. Agora eu saí da cadeia, vivo em situação de rua e tô tentando refazer minha vida aos poucos. [...] Pelo uso da droga... Acabei entrando. (entrada no tráfico) (Tyson, 35 anos).

Meu pai abandonou a gente, aí a casa ficou cheia de dívida, de água, de luz, tal [...] nisso daí eu conheci melhor a rua, comecei a vender droga, com 10 anos de idade, aí nisso eu consegui ir mantendo o que faltava pra gente [...] vendendo droga desde menor e eu fui se mantendo, aí quando eu vi eu já tava envolvido. (Zeus, 31 anos).

A vulnerabilidade socioeconômica experienciada em meios onde há normalização do uso de drogas, violências e moradias irregulares contribui para que diversos indivíduos encontrem no consumo e/ou venda de drogas a única possibilidade de vida. Em meio a condições precárias e sem apoio para o enfrentamento de diversas limitações, esses sujeitos, muitas vezes, não vislumbram possibilidades de vida que vão além do que está em seu entorno.

A violência também prediz a vida nas ruas, uma vez que assujeita o indivíduo a experiências dolorosas. A violência foi referida por Artemis, que articula os desenlaces do abuso em sua história de vida para as ruas: “Eu já fui abusada por padrasto, essas coisa, então assim, eu fui pro mundo, o mundo foi uma escola pra mim.” (36 anos). Em suma, o caminho para as ruas, nas experiências desses participantes, é marcado por muito desamparo, negligência e violência. A vivência de estar na fronteira, na exposição crítica, desvela um conjunto de violências anteriores à atual, reforçando a rua como um itinerário.

O cotidiano da vivência de rua

Os participantes convivem diariamente com a solidão, com a falta de confiança das pessoas ao redor e com a frustração de se ver em situação de rua. Um outro problema enfrentado pela PSR foi relatado por uma das entrevistadas, que é a falta de documentação

e a dificuldade para obtê-los: “Por que que eu to ali? Porque se eu for morar num abrigo, eu não posso trabalhar do jeito que eu trabalho. Porque pra ficar tem que ter emprego normal, e sem documento e sem aparência você não acha serviço.” (Anabeth, 45 anos).

A falta de documentação atinge 24,8% das pessoas em situação de rua (BRASIL, 2020). Sem documentos, torna-se impossível o ingresso do indivíduo no mercado de trabalho formal, além de dificultar o acesso dessa população aos serviços e programas oferecidos pelo governo e ao exercício de cidadania que deve fazer parte de seus direitos. Essa barreira entre a pessoa e seus direitos reforça a ideia do senso comum de que as pessoas que vivem em situação de rua não gostam de trabalhar e preferem pedir esmolas a ter um emprego de carteira assinada, o que não encontra suporte nos dados oficiais, pois apenas 15,7% das pessoas pedem esmolas para fins de sobrevivência (BRASIL, 2020).

Anabeth mencionou a insegurança vivida em relação aos pertencentes de quem vive em situação de rua, o que os deixa mais suscetíveis aos furtos: “O que é mais penoso para o morador de rua é você trabalhar e vim alguém e roubar você. E os boicotes né, eu tô com um gancho de dois meses do Centro POP, não posso entrar lá, não tenho onde tomar banho, lavar minhas coisas.” Essa fala revela que o medo e a desconfiança não são apenas voltados aos cidadãos que transitam pelas cidades sem usá-la como morada, mas também são voltados àqueles que moram na rua, mostrando que nas relações criadas ali há uma linha tênue entre o se sentir protegido e o se sentir ameaçado (ROSA; BRÊTAS, 2015).

O Centro POP, mencionado por Anabeth, é um espaço voltado exclusivamente à população de rua, que oferece diversos serviços com o objetivo de desenvolver autonomia nos indivíduos, assim como relações de afetividade através do convívio em grupo. Na instituição, as pessoas que vivem em situação têm um espaço para o cuidado da higiene pessoal, pois é um lugar onde podem tomar banho e lavar suas roupas (BRASIL, 2011). Além do Centro POP, os outros espaços que a PSR tem para suprirem suas necessidades básicas, como higiene pessoal e alimentação, são projetos sociais oferecidos por organizações da sociedade civil (OSC) e redes comunitárias. Dentro desses espaços, recebem a dignidade que é tirada deles a todo o momento enquanto circulam pelas ruas. O suporte oferecido por essas redes comunitárias é de extrema importância na tentativa de promover bem-estar nessa população, visto que higiene e alimentação são direitos básicos de todo ser humano (VALE; VECCHIA, 2020).

Outro aspecto mencionado pelos participantes foi a solidão. As falas tocam em aspectos que desvelam vivências marcadas pela falta de vínculos afetivos próximos:

Aqui, rua, é solidão, para quem quer ficar sozinho rua é o melhor lugar, porque você pode tá rodeado, mas você tá sozinho... tá longe de quem você ama, tá longe do deus laço familiar né [...] Sabe, eu não tenho inveja de nada, só tenho inveja das pessoas que tá ali dentro da família, então pra quem tem isso, tem que dar valor e a gente não dá (Forrest, 51 anos).

Na rua não tenho muito amigo não, eu sou meio antissocial, não consigo socializar muito não. Eu acho que as pessoas vão me abandonar entendeu? Eu tenho esse trauma do abandono sabe, eu acho que as pessoas vão acabar me abandonando então eu prefiro nem fazer amizade. (Giacomo, 36 anos).

Muitos são lançados a viver em situação de rua devido ao abandono familiar, que pode acontecer no início da vida dessas pessoas, por falta de uma rede de apoio ou de recursos, e, em alguns casos, abusos de substâncias que levaram a um inevitável afastamento de amigos e familiares, experimentando o abandono de forma dolorosa. Nas ruas da cidade, esse abandono se perpetua, mas não pelo rompimento de uma relação, e, sim, pela dificuldade existente em estabelecer uma no contexto de situação de rua. O abandono, muitas vezes traumático, reflete no sujeito como uma dificuldade em criar vínculos afetivos saudáveis com pessoas à sua volta, e isso, somado à desconfiança que existe na vivência de rua, acaba por perpetuar a condição de isolamento e o sentimento de solidão.

O distanciamento da família foi trazido por Forrest, assim como também a dificuldade em criar laços com outras pessoas. Esse distanciamento de laços afetivos sólidos tem como consequência o sentimento de vazio, assim como experiências subjetivas que, em sua maioria, são destrutivas para o sujeito. A solidão se associa à vulnerabilidade e mantém uma relação direta com o isolamento e perdas sofridas durante a vida (AUGUSTO; OLIVEIRA; POCINHO, 2008).

Essa ligação entre o abandono na infância e a dificuldade em se estabelecer relações na rua foi trazida por um dos entrevistados:

Eu praticamente não tenho família, minha mãe me abandonou assim que eu nasci (...) eu cresci com problema de relacionamento, dificuldade de socializar, sabe essas coisas? (...) Tive vários relacionamentos, mas de todos que eu tive nunca nenhum conseguiu vingar não. Não sei se é por causa dessa relação da minha infância, com minha mãe, não sei né, acho que refletiu nisso aí (Giacomo, 36 anos)

Além de andar sob a sombra do abandono durante todo o percurso de sua vida, o sujeito que vive em situação de rua ainda enfrenta uma sociedade na qual a subjetividade da PSR não existe para os outros, cuja imagem é ligada à loucura, à bandidagem, ao vitimismo e à meritocracia. O resultado disso é o sentimento de falta de identidade, de não-identificação com o mundo e com a sociedade em que vive, fato que dificulta ainda mais a criação de vínculos afetivos na rua (NASCIMENTO; JUSTO; FRANÇA, 2009).

Os preconceitos existentes em relação à PSR, infelizmente, não os estigmatizam apenas aos olhos do cidadão comum, mas também aos olhos de quem tem o dever, por lei, de protegê-los. Zeus (31 anos) traz um pouco disso quando fala sobre o perigo constante da morte na rua: “ou alguém me matar, algum polícia ou alguma pessoa que pode acabar me dando um tiro”. O entrevistado Grover, 33 anos, também traz esse aspecto em sua vivência quando diz: “De lá pra cá passei por [nome de uma cidade], passei por [nome de outra cidade], todos esses lugares sofrendo represálias”.

Por mais contraditório que pareça, a violência contra a PSR é vista, por uma parcela da população, como ato de segurança pública, ou até como ato voltado à saúde da população. As pessoas em situação de rua são diretamente ligadas a doenças, drogas e bandidagem. Tudo isso remete a uma ideia de que a PSR oferece perigo para a população em geral que circula nas cidades, sendo a represália por parte das forças do Estado vista pelo senso comum como necessária para a proteção das pessoas (COUTO; BOTAZZO, 2023).

Rede de apoio e relações familiares e comunitárias

Ao olhar para a história de vida desde a infância até os dias atuais dos participantes, percebe-se que a fragilização de vínculos familiares, a pobreza, as perdas e vivências em contextos hostis são fatores que perpassam suas trajetórias. Foram observadas repercussões da falta de um ambiente seguro, acolhedor e que supra as necessidades físicas e psíquicas.

Em seu relato, Forrest revelou um contexto familiar perpassado pela pobreza e a necessidade de trabalhar ainda na infância, afastando-se dos estudos e tendo que se responsabilizar precocemente pela contribuição na provisão da família. Alguns dos participantes relataram vínculos familiares extremamente fragilizados e/ou rompidos:

Eu amo muito eles, mas é o seguinte, tá cada um num lugar, minha família separou por causa de mim, eu levo essa culpa até hoje. Minha mãe fala “se você não tivesse sido preso, a gente taria com nossa família hoje de boa [...] Eu sei que a partir daquele momento que eu fui preso a primeira vez, a família nunca mais foi a mesma (Grover, 33 anos).

Então lá pra trás quando eu me juntei com ela, quando casei com ela eu disse que iria cobrar dela, dela e de quem se juntasse com ela, então o negócio de separação como ela trabalhava num bairro que tinha um pessoal de uma classe mais evoluída, ela teve uns envolvimento, que houve traição, de medo denegriram minha imagem como cagueta, como estuprador e expandiram na internet através de grupo, um monte de gente vindo atrás de mim, e mandaram umas pessoas me matarem [...] (Eros, 51 anos).

Frente ao desamparo, o indivíduo fica exposto a diversos riscos. A dependência química foi apontada como um dos fatores que contribuíram para a fragilização e/ou rompimento dos vínculos familiares:

É incurável, todo mundo fala isso daí, então eu sei disso por causa que é 30 anos numa luta travada contra ela, então eu acho que droga e família não se mistura, que nem água e óleo porque você acaba decepcionando muitas pessoas e mesmo as pessoas te aceitando, o seu vício, quando você tá sóbrio parece uma pessoas, quando você tá louco parece outra, isso que nos afasta da família, é isso daí. (Forrest, 51 anos).

Nas falas dos participantes, a falta de controle em relação ao uso de substâncias faz com que a permanência na rua se prolongue, uma vez que, apesar da existência de uma família e de uma possível moradia, há questões morais e relacionais que os impedem de estar perto desse núcleo. Isso nos convoca a abordar o tema de modo coletivo, sistêmico, como reforçado pela literatura recuperada neste estudo.

Acesso aos serviços da rede municipal

As falas dos participantes expressaram a relação com os serviços da rede municipal, revelando vivências positivas e negativas. O relato de Anabeth expressou que o estigma e o preconceito voltados à PSR não está presente apenas na mentalidade dos cidadãos comuns, mas também na de profissionais que deveriam ter o devido preparo para atender uma população que vive o tempo todo à margem da vulnerabilidade e invisibilidade: “Bom, é difícil, eles me olham e me tratam como noiada, casqueira, e eu

não coloco uma droga na minha boca, mas eu moro na rua né, é assim que eles veem.” (Anabeth, 45 anos).

A discriminação descrita por Anabeth é o reflexo direto de uma concepção moral que existe na nossa sociedade, que relaciona, quase que automaticamente, os indivíduos que moram na rua ao uso de álcool e drogas (MOTA; RONZANI; MOURA, 2016). Essa visão reducionista e preconceituosa aumenta a linha que separa a PSR dos serviços que lhe são de direito. Além da insegurança constante referente ao fato de morar na rua, Anabeth convive com uma condição que a torna ainda mais vulnerável do que a maioria das pessoas que compõem a PSR, que é o fato de ser mulher. Para a mulher que vive em situação de rua, a ameaça é constante (ROSA; BRÊTAS, 2015).

Em sua fala, Matteo revela um sentimento de descaso em relação ao como a população em situação de rua é olhada pelos serviços e agentes políticos: “Eles não têm essa afinidade de ajudar não né, de quatro em quatro anos eles aparece né.” (Matteo, 37 anos). Essa questão traz à tona a necessidade da PSR se olhar como sujeitos políticos, e, assim, reconhecerem seus direitos. A sociedade regida pela lógica capitalista molda no indivíduo a ideia de que a culpa de ele estar na rua é dele mesmo, e não de políticas econômicas, sociais e habitacionais mal implementadas (VALE; VECCHIA, 2020). Essa concepção embasada na meritocracia faz com que o sujeito pense que o cuidado voltado a ele é um mero favor do Estado, e não um dever. Assim, o indivíduo acaba por adotar uma postura passiva frente à falta de um serviço de qualidade.

Nico, por sua vez, relatou uma vivência positiva em relação ao atendimento recebido no contexto de saúde: “Fui bem atendido, foi tranquilo, fui lá no postinho há três dias, tava tossindo né, aí o médico passou uns remédios, tô até tomando uns remédios aí.” (Nico, 35 anos). A tosse sofrida pelo entrevistado é uma consequência direta da situação de vulnerabilidade em que ele vive. É importante ressaltar, ainda, o desafio de realizar um tratamento correto no contexto da rua, devido a diversos fatores como a alimentação inadequada e as constantes mudanças de um lugar a outro dentro dos ambientes urbanos (VALLE; FARAH, 2020).

Tyson relatou sobre a dificuldade presente em conseguir vaga para tratamento em alguns serviços públicos: “É muito difícil. Tentei procurar uma clínica pra fazer tratamento de droga não consegui. Não consegui arrumar vaga.” (Tyson, 35 anos). Campos e Sousa (2013) apontaram que existem muitas dificuldades para manter o acompanhamento de doenças crônicas. O acesso a esses serviços, por causa de seu meio

de organização, quantidade de demanda e recursos do local, é um empecilho para o cuidado da PSR. Com isso, muitos acabam não recebendo tratamento necessário, uma vez que possuem poucos recursos para manter o tratamento ou ficar aguardando vaga disponível. A garantia dos direitos assegurados pela Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPSR), de 2009, é de suma importância na tentativa de diminuir a invisibilidade que permeia a PSR (VALLE; FARAH, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos das histórias de vida dos participantes, foi possível perceber questões socioeconômicas, como o desemprego e pobreza, laços familiares fragilizados e/ou rompidos e uso de substâncias psicoativas como elementos associados à condição de rua. A solidão também foi destacada como aspecto que permeia essa vivência. Acerca da disponibilidade aos serviços da rede para o suporte necessário, os participantes destacaram a dificuldade de acesso a algumas áreas, como, por exemplo, o tratamento para dependência química, em que enfrentam filas de espera para o atendimento. O estigma atrelado às pessoas em situação de rua torna a aproximação e a busca por atendimento um desafio.

Apesar da aproximação endereçada no presente estudo, muitos outros elementos podem e devem ser acessados diante da tessitura da vida nas ruas. Essas pessoas sofrem com descaso, negligência e preconceitos por parte do Estado e da sociedade. Espera-se que os dados do presente estudo possam ser revisitados permanentemente, contribuindo para desfazer a invisibilidade com que esses sujeitos são posicionados na sociedade contemporânea. Em termos das políticas públicas, a situação de rua deve ser cotejada como uma questão coletiva e de responsabilidade de todos. Ainda que a abordagem coletiva do problema seja importante para endereçar os atravessamentos históricos desse fenômeno, olhar para as histórias de vida desses sujeitos é uma estratégia que pode, igualmente, contribuir para que a PSR saia da invisibilidade, podendo não apenas ser vista, mas, também, ouvida.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Sara.; OLIVEIRA, Rui Aragão.; POCINHO, Margarida. Solidão e Envelhecimento nos Doentes Reumáticos. **Interações: Sociedade e as Novas Modernidades**, Coimbra, v. 8, n. 15, p. 69-94, 2008.

BRASIL. Decreto nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Brasília, DF, 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm.

BRASIL. Ministério da Economia. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. População em situação de rua supera 281,4 mil pessoas no Brasil. 2022. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13457-populacao-em-situacao-de-rua-supera-281-4-mil-pessoas-no-brasil>.

BRASIL. Ministério da Economia. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **População em situação de rua em tempos de pandemia:** um levantamento de medidas municipais emergenciais, Brasília, DF: Ministério da Economia, 2020. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10078/1/NT_74_Diest_Disoc_Populacao%20em%20Situacao%20de%20Rua%20em%20Tempos%20de%20Pandemia.pdf

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Renda e Cidadania e Secretaria Nacional de Assistência Social. **Orientações Técnicas:** Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – Centro Pop: SUAS e População em Situação de Rua. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2011. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes_centro_pop.pdf.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Rua:** aprendendo a contar. Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009. 240 p. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/Rua_aprendendo_a_contar.pdf.

BRITO, Cláudia.; SILVA, Lenir Nascimento. População em situação de rua: estigmas, preconceitos e estratégias de cuidado em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, p. 151-160, 2022.

CAMPOS, Ariane Graças; SOUSA, Maria Paula Freitas. Violência muda e preconceito: estratégias de uma equipe de saúde em defesa da cidadania da população em situação de rua. **Boletim do Instituto de Saúde**, São Paulo, v. 3, n. 14, p. 344-351, 2013.

COUTO, Joaquim Gabriel de Andrade.; BOTAZZO, Carlos. A potência dos encontros entre as fissuras da rua: cuidado, afetos e redução de danos. **Interface**, Botucatu, p. 1-15, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/6ZChMFk8CfWvvcdTmKB7RMR/?format=pdf&lang=pt>

MOTA, Daniela Cristina Belchior.; RONZANI, Telmo.; MOURA, Yone Gonçalves. Tratamento e apoio psicossocial às pessoas em situação de rua usuárias de drogas. In: GRINOVER, A. P. *et al.* **Direitos fundamentais das pessoas em situação de rua**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2016. p. 497-514

NASCIMENTO, Eurípedes Costa.; JUSTO, José Sterza.; FRANÇA, Sonia Aparecida Moreira. Errância e normalização social: um estudo sobre andarilhos de estrada. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, p. 641-648, 2009.

ROCHA, Felipe Coura.; OLIVEIRA, Pedro Renan Santos de. Psicologia na rua: delineando novas identidades a partir do trabalho com a população em situação de rua. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 15, n. 1, p. 1-18, 2020.

ROSA, Anderson da Silva; BRÊTAS, Ana Cristina Passarella. A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. **Interface**, Botucatu, SP, v. 19, n. 53, p. 275 - 285, 7 jun. 2015.

VALE, Aléxa Rodrigues.; VECCHIA, Marcelo Dalla. Sobreviver nas ruas: Percursos de resistência à negação do direito à saúde. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 25, p. 1-16, 2020.

VALLE, Fabiana Aparecida Almeida Lawall.; FARAH, Beatriz Francisco. A saúde de quem está em situação de rua: (in)visibilidades no acesso ao Sistema Único de Saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n.2, p. 1-21, 2020.

VALLE, Fabiana Aparecida Almeida Lawall.; FARAH, Beatriz Francisco.; CARNEIRO, Nivaldo. As vivências na rua que interferem na saúde: perspectiva da população em situação de rua. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 124, p. 182-192, 2020.